

# ELOGIO DA VIDA MONÁSTICA

**Maria Lúcia Outeiro Fernandes\***

Ancorada em uma prática poética caracterizada por Jorge de Sena como literatura de testemunho, que atesta a responsabilidade de estar no mundo, a meditação acerca da condição humana assume várias facetas na obra seniana, imbricando-se com questões estéticas, inquietações religiosas ou metafísicas e inflexões ideológicas. Algumas delas convergem, no poema “Elogio da Vida Monástica”, para formar uma rede de significados que aponta para a visão peculiar de um sujeito poético descrente do mundo, que propõe um modo de vida apropriado para tempos de degradação e solidão.

*40 Anos de Servidão* (1979) constitui uma antologia organizada por Mécia de Sena, seguindo orientações do próprio escritor. O objetivo era reunir poemas esparsos em jornais e revistas, ou completamente inéditos, organizados de modo a cobrir 40 anos de produção (1938-1978). Inserido na quinta parte, poemas do “Tempo de *Peregrinatio ad loca infecta*” (1959-1969), o “Elogio da Vida Monástica” foi escrito no exílio brasileiro e, não por acaso, também trata de um exílio voluntário do ser humano em relação ao contexto político-ideológico de tragédias, prisões, destruição, mortes e perseguições. Esta forma de exílio parece ter sido assumida pelo próprio eu-lírico, que observa o mundo e dele se aparta, com cético e irônico distanciamento, sem deixar de se sentir parte do contexto e tendo em comum com os demais viventes a herança de um destino coletivo.

O título remete ao panegírico, uma forma lírica cultivada no Classicismo e apreciada no Barroco, mas em completo desuso na literatura moderna, na qual se tecem elogios a uma ação, a um lugar ou a uma personagem, como pretexto para exposição de doutrina de princípios e valores elevados. O vocábulo “elogio” também evoca por paronomásia a elegia, outro poema lírico antigo que se caracteriza pelo tom de lamento acerca da morte, quase

sempre associado a digressões moralizantes. Metonimicamente, o elogio à vida monástica exalta o ascetismo, que conduz a um estágio de superação do apego material, seguido de sábia imersão no nada, que liberta o sujeito de todas as contingências opressoras da vida.

Estruturando-se em duas longas estrofes, de versos igualmente longos, prosaicos e irregulares, a construção argumentativa mobiliza procedimentos do gênero epidítico, um recurso retórico amplamente explorado por oradores antigos, para mobilizar os ouvintes a refletirem sobre assuntos de interesse coletivo. Ao exaltar os valores positivos da vida monástica, a voz poética, tal como um filósofo metafísico, exalta implicitamente virtudes como a temperança, a solidão, a sabedoria, a capacidade de fazer o bem e preservar as coisas boas, independente das adversidades. Assim, busca persuadir o leitor a adotar um comportamento que o leve a retirar-se voluntariamente do mundo que o desqualifica e o marginaliza. O poeta também explora a comparação, eixo de estruturação do texto. A primeira estrofe começa com “outrora”. A segunda, inicia-se por “hoje”. Os dois advérbios estabelecem o contraponto entre o passado e o presente. Na primeira parte, o sujeito explica como e porque uma pessoa “amortalhava-se em vida” para se tornar monge. Para enfatizar e ampliar o campo semântico suscitado pelo verbo “amortalhar”, o poeta explora a palavra “agonia”, de origem grega, que designa o período que antecede a morte e também os sentimentos de angústia, sofrimento ou aflição, experimentados antes de acontecimentos muito esperados mas muito temidos. Depois de mostrar que a vida monástica supria carências, pois a vida nunca nos pode dar tudo o que imaginamos (é de se notar a passagem brusca da 3ª pessoa do singular, relativa ao monge, para a 1ª do plural, incluindo o eu lírico e o leitor), altera-se radicalmente o tom. O panegírico, que manifesta um elogio, metamorfoseia-se em elegia, que expressa lamento pela situação presente e pela condição do homem no mundo atual. Como a solidão extrapolou todos os espaços e todos os recônditos da vida, o homem se vê novamente, tal como os monges,

diante da única certeza: “é preciso morrer”. A morte, porém, não é mais abraçada como opção ou “aposentadoria honrosa”. “Hoje”, a morte abate-se sobre o homem “de maneira estúpida e sem graça”. Sem qualquer direito à liberdade de escolha, sem uma alma para salvar ou perder, o homem foi privado até da “agonia”. Resta-lhe somente uma postura de exilado, de morto-vivo, que olha com distanciamento e ceticismo a degradação do mundo e do ser.

---

\* Docente de Literatura Portuguesa do Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, FCL-UNESP/Araraquara.